

PROJETO “ABEPSS ITINERANTE”:

Projeto Ético-Político do Serviço Social: método do materialismo histórico-dialético e unidade de lutas sociais emancipatórias

8ª EDIÇÃO

Módulo I – Método do materialismo histórico-dialético

Formadora: Profa. Dra. Yolanda Guerra (UFRJ)¹

“O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”

João Guimarães Rosa

A imortal obra de Guimarães Rosa, “Grande Sertão: Veredas”, é a expressão máxima da razão ontológica, crítica e dialética na constituição do real. Ela mostra as verdadeiras contradições que movem a realidade, não em uma direção predeterminada, mas conforme a correlação de forças entre opostos dialéticos que se confrontam a todo momento, ininterruptamente, tenhamos nós, sujeitos históricos, consciência ou não do movimento dialético da própria realidade social. Com isso, podemos afirmar que a arte, como forma de autoconsciência do ser (Lukács, 1966), imita a vida. Várias são as expressões artísticas e culturais na poesia, na literatura, na música, na pintura, que mostram a constituição dialética da realidade. E isso não tem outra razão, a não ser pelo fato de que a realidade é dialética, de onde devemos buscar o que de verídico tem nesse modo de ser da própria realidade.

O objetivo deste texto é bem singelo. Ele foi preparado como disparador de reflexões que fazem parte do projeto ABEPSS Itinerante/2026: “Projeto Ético-Político do Serviço Social: método do materialismo histórico-dialético e unidade de lutas sociais emancipatórias”.

Pretende-se indicar, a partir da obra de Karl Marx, os fundamentos centrais do seu referencial, evidenciando-o na qualidade de arma crítica capaz de

¹ Professora convidada para ministrar o Módulo I da 8ª edição do Projeto ABEPSS Itinerante e preparar o texto de referência e indicações de bibliográficas.

“desvelar a vida como ela é” e de destruir o véu que a recobre e, fundamentalmente, apontar sua perspectiva teórico-metodológica como a única capaz de incitar posturas que levem à transformação social. É nessa direção que a racionalidade crítico-dialética provoca a profissão a se renovar, sistematicamente, e a fundamentar suas escolhas teóricas, éticas, políticas e prático-profissionais em valores emancipatórios.

1. A dialética da realidade e a realidade da dialética

A razão dialética, como razão substantiva, é a racionalidade do próprio real. Por racionalidade, estamos nos referindo a um modo determinado de ser, um modo de conhecer e um modo de intervir na própria realidade.

Como modo de ser, a realidade dialética é uma totalidade complexa, composta por totalidades parciais; ela é constituída e constitutiva de mediações que se articulam e se movimentam por meio de forças opostas, contraditórias, o que nos permite afirmar que *totalidade*, *contradição* e *mediação* são categorias ontológicas na condição de modo de ser da própria realidade. Essa é a *realidade da dialética*: a racionalidade dialética é constitutiva do real e, como tal, incorpora o movimento, o devir, a luta de contrários, as determinações universais, singulares e particulares, as mediações que se manifestam na vida: tanto no trabalho, como a protoforma da constituição do ser social², quanto nas mediações secundárias (ética, política, arte, direito, ciência etc.), ou seja, na práxis social e histórica de homens e mulheres reais e concretos. A razão dialética também se refere a um modo de conhecer que capta o modo de ser, a lógica de constituição da realidade e seu caráter historicamente transitório. Assim, é preciso descobrir/descortinar essa *dialética da própria “coisa”* (realidade). Desta apreensão, segue-se um modo de intervir na própria

¹:“(…) O trabalho é um processo entre homem e Natureza, um processo em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a Natureza. (...) Ao atuar, por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza”. (Marx, 1985, p. 149).

realidade, que considera o ser social como seu produtor, que atua nas contradições, mobiliza mediações, que transforma a realidade e a si mesmo³, de modo que, da apreensão dialética da realidade social podem resultar posturas sócio-políticas subversivas que ameaçam a reprodução da ordem social burguesa.

2. O materialismo de Marx: unidade história/teoria/método

O fundamento do materialismo histórico dialético, perspectiva teórico-metodológica e prático-crítica de Marx, é o modo como se produz a riqueza material ou as condições materiais de vida. A base material da vida é o que fundamenta a constituição do ser e a explicação da sua existência real. A história é constituída de relações sociais reais e concretas e é assim que deve ser conhecida. O ser em sua realidade objetiva ou, como dizem Marx e Engels (1989), no seu processo de desenvolvimento real e em suas relações sociais é produto da sua práxis social e histórica. Essa noção de história se evidencia na relação causalidade-teleologia, que são pares dialéticos que se enfrentam a todo momento, dando ritmo, movimento e conteúdo à história. É essa capacidade teleológica que nos permite escolher as finalidades e os meios de desistir ou retificá-las antes mesmo de realizá-las, que põe em movimento a capacidade de liberação ou o exercício da liberdade (como escolha entre alternativas), que só existe em relação à necessidade. A passagem da necessidade à liberdade implica em mediações da consciência e da ação humana. Os seres humanos se diferenciam da melhor abelha, porque eles *figuram na mente* sua construção antes de transformá-la em realidade (Marx, 1985). Por isso somos seres éticos e prático-políticos críticos. Contudo, se “o primeiro ato histórico é a produção da vida material”, é preciso “estar em condições de viver para fazer história”, e tão logo a primeira necessidade seja satisfeita, “a ação de satisfazê-la e o instrumento adquirido para essa satisfação criam outras necessidades” do estômago e da fantasia (Marx e Engels, 1989, p. 22). Assim, “o modo de

²Trata-se de uma elaboração que porta a tendência de captar o devir histórico e, portanto, é crítica e revolucionária.

produção da vida material condiciona o desenvolvimento da vida social, política e intelectual em geral. Não é a consciência que determina o ser social; “é o seu ser social que, inversamente, determina a sua consciência” (Marx e Engels, 1989, p. 21), logo se afirma a prioridade ontológica do ser sobre o pensar, da realidade sobre a teoria. E aqui se explicitam as três dimensões mencionadas linhas atrás: do ser, do conhecer e do intervir, que se relacionam dialeticamente, a partir do que se pode depreender que a razão dialética é unidade de elementos diversos e só adquire sentido fundamentada por uma determinada concepção de homem e mundo (humanismo) na qual o ser social é o produtor da sua própria existência, a partir do que constrói suas ideias e representações. Nessa concepção de conhecer, é o objeto, no seu movimento de constituição, que indica o caminho que a razão deve trilhar para alcançar o seu conhecimento, expressando a imanente unidade teoria/prática social⁴. Por isso, como nos ensina Lukács, o materialismo histórico dialético se fundamenta em enunciados ontológicos que se referem a um tipo determinado de ser e não em conceitos lógicos-formais. É essa perspectiva que nos permite falar em *unidade história, teoria e método* ou dos fundamentos histórico-ontológicos e teórico-metodológicos.

Na apreensão do movimento do objeto, a razão dialética segue em busca da sua lógica constitutiva. Deve extrair do real suas categorias ontológicas e pela via do intelecto buscar reproduzi-la da maneira mais fiel possível. A realidade, ao ser transportada para a consciência do sujeito, o leva a refletir os vínculos reais das conexões concretas do/no próprio movimento que a constitui. Mas a consciência não estabelece uma relação de exterioridade com o objeto, ao contrário, está auto implicada nesse processo. Nesses fundamentos encontram-se as *bases de uma teoria social* que, nas palavras de Lukács (1992, p. 99), “não perde jamais o seu vínculo com a atitude tipicamente ontológica da vida cotidiana”, uma vez que é construída na história e refletida no pensamento, com base em uma historicidade que contempla o movimento de mudanças e continuidades que se determinam reciprocamente. Em síntese: a unidade

⁴ Nota-se que não nos referimos à uma profissão, mas à prática social de homens e mulheres que, conscientemente ou não, é orientada por pressupostos teóricos e valorativos. Sobre a relação teoria/prática no trabalho profissional, ver Montaño e Guerra (2024), especialmente o Capítulo 4: A razão dialética e o espaço de intervenção profissional (pp.177-224).

dialética entre história/teoria e método pode ser captada na belíssima formulação de Netto (1994, p.92), “a história aparece como o próprio constitutivo da reflexão teórica e a tensão entre razão e história se resolve no seu plano mesmo: a razão se historiciza e a história se torna racional”.

3. As categorias mediação, contradição e totalidade na constituição da própria realidade

Mediação, contradição e totalidade⁵ tanto são princípios analíticos da Teoria Social marxiana, como modos de ser que determinam a existência dos processos e práticas sociais, formas moventes e movidas de toda matéria (realidade) que se convertem em categorias intelectivas pelas quais a realidade pode/deve ser conhecida.

A razão dialética, crítica e radical, pelo seu substrato ontológico materialista (Guerra, 2011), porque fundada pela e na práxis, tem na perspectiva da totalidade a sua categoria central. A racionalidade dialética, como a lógica constitutiva da realidade social, produz legalidades próprias, totalidades, como “um complexo constituído de complexos”. (Netto, 2011, p. 56). Na qualidade de categoria objetiva, a totalidade está presente em qualquer realidade, “independente do sujeito” e da sua capacidade de decifrá-la. Os fatos, fenômenos e processos sociais são constitutivos de mediações e/ou sistemas de mediações *que os conectam uns aos outros*, dando-lhes sentido particular, mas, também, eles se constituem como totalidade (mais ou menos complexas) em processo de totalização. Todo existente é produto de múltiplas mediações,

⁵ É preciso romper com o pensamento hegemônico do racionalismo formal-abstrato para entender que não se trata de termos interpretados no seu sentido usual, mas de categorias ontológicas e, por isso, tornam-se as categorias reflexivas que permitem captar a realidade. A totalidade não é soma de partes, mas estrutura dinâmica de mediações. Ela nos permite apreender os complexos sociais como momento mediado de uma totalidade histórica estruturada por contradições reais (Lukács, 2012). Do mesmo modo, a contradição não é defeito do pensamento, mas motor do real. A mediação, por sua vez, não significa conciliação ou mera intermediação entre dois polos, mas vínculos, nexos conexões que estruturam a totalidade social, dando-lhe uma legalidade própria e determinando a sua historicidade. Ela opera, ao mesmo tempo, tanto no interior dos processos e práticas sociais quanto entre eles, constituindo sua lógica existencial e explicativa.

de modo que nada no ser social é imediato. Assim, as mediações operam em múltiplos sentidos: vinculando os diversos complexos sociais, mas também permitindo a passagem de um ao outro e sua conversão. É o movimento dialético que permite as sínteses históricas como unidade de múltiplas determinações. O aspecto imediato da realidade, dado na sua aparência fenomênica, dissolve-se à medida que se apreende as mediações que estruturam e vinculam processos e práticas sociais e profissionais⁶. A mediação ocupa na totalidade social a função de articuladora entre as diversas totalidades menos complexas e destas com a mais complexa. Mas ela não apenas articula, vincula e dá legalidade como permite a conversão de umas nas outras, à medida que os polos dialéticos se confrontam, fundem-se, fazendo com que um carregue elementos particulares do outro⁷. São elas que nos permitirão interpretar o modo de ser e de reproduzir-se do ser social destacando a sua historicidade. A totalidade se realiza e se explicita na tríade universal, particular e singular. A universalidade, como a dimensão mais ampla, abstrata e geral dos processos sociais, é aquela na qual se busca as legalidades e tendências do desenvolvimento histórico. Ela se vincula ao singular que, aparentemente, é despido de mediações, de modo que a sua essência só pode ser compreendida quando “estas mediações (as relativas a particularidade e a universalidade) ocultas na imediaticidade, são postas à luz” (Lukács, 1978, p.106). Nessa dialética, o particular⁸ ocupa a posição de “inteiro campo de mediações”⁹, que, como síntese, é o momento em que o universal se singulariza e o singular se universaliza, constituindo-se em “expressão lógica das categorias de mediação entre os homens singulares e a sociedade” (Lukács, idem, p. 92). Toda totalidade é relativa e mutável em face a outras totalidades mais ou menos complexas: o caráter de totalidade de um processo social

⁶ A realidade, como contradição em processo, não se mostra de imediato, explicitando a indispensável distinção e relação dialética entre aparência e essência. Assim: “há que rasgar o véu para atingir o conhecimento teórico” (Lukács, 1989, p. 29).

⁷ Isso fica evidente na tríade dialética passado-presente-futuro. O presente carrega elementos do passado e as tendências do futuro, permitindo-nos, por exemplo, explicar a relação entre escravismo e racismo como elementos estruturais e estruturantes da realidade.

⁸ Como diz Lukács (1968, p. 93): “o particular representa aqui precisamente a expressão lógica das categorias de mediação entre os homens singulares e a sociedade”.

⁹ “o movimento do singular ao universal e vice-versa é sempre mediado pelo particular; ele é um membro intermediário real, tanto na realidade objetiva quanto no pensamento que a reflete de um modo aproximativamente adequado” (Lukács, 1968, p. 112).

“subsiste apenas no marco de circunstâncias *históricas* determinadas e concretas” (Lukács, 2007, p. 59).

A pesquisa parte dos fatos, da realidade tal como ela se apresenta empiricamente. No entanto, é preciso considerar que essa primeira aproximação ao objeto o capta de forma "caótica". A apreensão do objeto percorre o caminho que vai do abstrato ao concreto, mas este não é o próprio caminho de constituição do objeto¹⁰. Pelo procedimento de abstração, refletimos sobre os elementos que existem concretamente na realidade que se realiza como síntese do pensamento, consubstanciando o que Marx (1983) denomina como “concreto pensado”. Considerando que o referencial teórico-metodológico marxiano não apenas pretende interpretar o mundo, mas transformá-lo, todo conhecimento parte do real e do concreto. Há, portanto, uma pressuposição de que o concreto significa síntese de múltiplas determinações. O padrão de cientificidade inaugurado por Marx¹¹ exige que o sujeito se aproprie da matéria, apreenda, inicialmente, as suas formas para, daí, analisar cuidadosamente os seus modos de ser e de se transformar, captados no seu movimento de devir. Pelo processo de abstração, decompõe-se um objeto nos seus múltiplos aspectos para captar os nexos e as mediações efetivamente existentes entre fatos e processos sociais. Assim, quando Marx trabalha o sentido da produção em geral, quer mesmo mostrar que as determinações universais indicam a *tendência histórica geral*, mas elas adquirem determinações particulares em face das processualidades históricas. Melhor dizendo, *determinam-se historicamente em cada particularização histórica*, da qual surge a “*diferença essencial*”. É nela que se visualizam as particularidades¹² que explicam, efetivamente, as determinações do objeto e o vinculam “para cima e para baixo” com o singular e com o universal. Chegada às abstrações mais simples é preciso recompor o objeto na sua totalidade de determinações pela via do caminho de volta¹³, ou seja, a reconstrução mental do processo real de constituição do objeto, ou, nas

¹⁰ Valho-me de texto preparado para valorizar a pesquisa crítico-dialética na profissão (Guerra, 2024).

¹¹ O aprofundamento sobre esses argumentos pode ser encontrado em Guerra, 2020.

¹² Trata-se de uma categoria relacional entre o singular e o universal. Em Lukács (1968, p.113), o particular é o inteiro campo de mediações. Tanto um princípio de movimento do conhecimento quanto uma etapa, um momento, do caminho dialético.

¹³ Que vai das “determinações mais simples” para uma “rica totalidade” sintetizada “de muitas determinações e relações” (Marx, idem, p. 218).

palavras de Marx (1983, p.219), “as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto pela via do pensamento”, de modo que as várias determinações que resultam da reflexão científica sobre o objeto expressam suas particularidades, seus atributos, as determinações que constituem esse ser social. Fazem-se notar aqui três observações centrais: nesse movimento da razão na apreensão do objeto, a aparência não se descarta, mas se transfigura, à medida que a análise a satura das determinações que foram descobertas no processo; a totalidade que se manifesta no pensamento, constitutiva da apropriação do objeto, consiste em sínteses provisórias de determinações das mais diversas; faz parte desse movimento da consciência a priorização das determinações que compõem o objeto, a partir da identificação do fator preponderante, em última instância, diante daqueles que são determinados.

Este concreto, *síntese de múltiplas e contraditórias determinações*, que só se explica a partir dos seus nexos e mediações, é um concreto de pensamento, aparece como resultado, mas como Marx nos adverte: esse é o verdadeiro ponto de partida “da observação imediata e da representação” (idem, p.219).

4. A pesquisa concreta de situações concretas

Postas as possibilidades da razão dialética na apropriação da “diferença essencial” e de sua historicidade, podemos considerar que a pesquisa que apreende a totalidade histórica permite pensar que as relações sociais do mundo burguês só adquirem sentido no interior de dada etapa desta sociedade.

Conforme argumentamos, na abordagem dialética dos fundamentos, a mediação da particularidade na apreensão da processualidade das relações entre o singular e o universal, essência do método marxiano, permite-nos *desvelar as conexões* entre estas dimensões da realidade, possibilitando superar os fragmentarismos e buscar a unidade do diverso entre as perspectivas singular e universal. É, portanto, na crítica ontológica que vamos encontrar os fundamentos teóricos e prático-políticos capazes de enfrentar tais limites. Contudo, como suas reais determinações, a realidade vem desenvolvendo, tanto objetiva quando subjetivamente, universalidades cada vez mais complexas e

plenas de determinações diversas, plurais. Ao mesmo tempo, também se desenvolvem novas singularidades, cada vez mais sincréticas e plenas de diversidade e pluralidade. É essa perspectiva teórico-metodológica que vai nos permitir alcançar seu “núcleo racional”, nos blindando de tratá-las de maneira isolada ou fragmentada, constituindo “universalismos abstratos” ou “singularidades carentes de mediações”, formas sociais que, muitas vezes, são tratadas com sectarismo, dando um golpe fatal na perspectiva de totalidade privilegiada na construção teórico-metodológica de Marx e da tradição marxista, a qual nos permite, como se argumentou até aqui, identificar as determinações humano-genéricas: classe, raça, etnia, gênero, capacidades físicas e intelectuais, orientações sexuais múltiplas, dentre outras, como sínteses destas múltiplas mediações constitutivas do ser social, como *totalidade orgânica e indivisível*, ainda que exerçam ponderações distintas nesta mesma totalidade. São as determinações particulares, como “campo de mediações”, que permitem unir, amalgamar, dar organicidade a este ser que é uno, múltiplo e diverso. O ser particular é essa unidade de diversidades que contempla, como já referido, as determinações de classe, raça, etnia, gênero, capacidades físicas e intelectuais, idade, orientação sexual, dentre outras. Por isso é preciso identificar os nexos, vínculos, conexões entre o universal-particular-singular, que são as mediações constitutivas do ser. É, portanto, a dialética histórico-materialista fundada no postulado da tripla dimensão do ser social: universalidade/genericidade - singularidade - particularidade, como unidade das diversas determinações, a única capaz de abarcar todas estas determinações constitutivas do gênero humano, tornando consciente que as diferentes formas de exploração, dominação e opressão são totalidades, complexos parciais de uma mesma estrutura social, com maior ou menor grau de complexidade e, ainda que ocupem lugares diferentes e exerçam ponderações distintas em particulares formações sociais, *articulam-se, incidem umas nas outras, determinam-se e complementam-se*. Assim, considera-se que as reivindicações, resistências e lutas possuem uma unidade, ainda que pautadas em múltiplas e diversificadas demandas. É a perspectiva de totalidade que não nos permite perder nossas convicções universalistas, nosso projeto societário emancipatório, nossas lutas coletivas, a unidade das diferentes pautas que, necessariamente, atende às legítimas demandas e interesses singulares e nos permite transcender as

singularidades, alcançando os particulares interesses que nos unem. Contudo, para orientar nossas lutas na direção da superação da exploração, dominação e opressão¹⁴, presentes nas relações sociais de classe, gênero, étnico/raciais, dentre outras, faz-se necessário que a classe trabalhadora seja conduzida por uma teoria crítica que se “aposse das massas”, que forneça uma racionalidade que permita a passagem da classe em si para a classe para si, indispensável à transformação social estrutural. É esse referencial o único capaz de se constituir na “arma crítica” que permite tanto a transformação da consciência das massas quanto qualificá-las para a sua organização e luta.

REFERÊNCIAS

CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL (CFESS). **Código de ética profissional do assistente social**. Brasília, CFESS, 2011.

GUERRA, Yolanda. A instrumentalidade no trabalho do assistente social. In: **Capacitação em Serviço Social e Política Social**. Brasília: CFESS/ABEPSS- UnB, 2011.

GUERRA, Yolanda. Elementos para uma crítica ontológica das "filosofias" e de seus fundamentos. In: FORTI, V. e GUERRA, Y. **Fundamentos Filosóficos para o Serviço Social**. Fortaleza: Socialis Editora, 2020.

GUERRA, Yolanda. Prólogo: Decifra-me ou te devoro: a condição da pesquisa e da produção de conhecimento criticamente engajadas. In: Moraes, Carlos A. e Lima, Neusa C. **Pesquisa em Serviço Social: teoria, método e metodologias**. São Paulo: Cortez, 2024.

LUKÁCS, Georg. **“Sociologia”**. in: NETTO, José Paulo (org.). São Paulo: Ática. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). 1992.

LUKÁCS, Georg. **História e consciência de classe**. São Paulo: Martins Fontes. 1989.

LUKÁCS, Georg. **O Jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 2007.

¹⁴ Cabe mencionar o VIII Princípio do nosso código de ética: Opção por um projeto profissional vinculado ao processo de construção de uma nova ordem societária, sem dominação-exploração de classe, etnia e gênero que se combina com o IX Princípio: Articulação com os movimentos de outras categorias profissionais que partilhem dos princípios deste Código e **com a luta geral dos trabalhadores**” (CFESS, 2011).

LUKÁCS, Georg. **Para uma ontologia do ser social I**. São Paulo: Boitempo Editorial. 2012.

LUKÁCS, Georg. **Estética I: la peculiaridad de lo estético**. Tradução de Manuel Sacristán. Barcelona-México, D. F.: Ediciones Grijalbo, 1966.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. Trad. de Maria Helena Barreiro Alves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, Karl. **O Capital: crítica da economia política (Livro I, v. 1)**. Trad. de Regis Barbosa e Flavio R. Kothe. São Paulo: Nova Cultural. (Col. Os Economistas). 1985

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes. 1989

MONTAÑO, Carlos e GUERRA, Yolanda. **Serviço Social Crítico: teoria e prática - uma análise dos fundamentos do Serviço Social para a construção/consolidação de uma perspectiva crítica na profissão**. Campinas-SP: Papel Social, 2024.

NETTO, José Paulo. **Introdução ao estudo do método de Marx**. São Paulo: Expressão Popular. 2011.

NETTO, José Paulo. Razão Ontologia e Práxis. **Serviço Social e Sociedade** n. 44, ANO XV. São Paulo: Cortez, 1994.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.